

**ENTRE O ÉTICO E O ESTÉTICO:  
UMA REFLEXÃO SOBRE O PERSONAGEM BRÁS CUBAS,  
DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS,  
E A PERSONAGEM SOFIA, DE QUINCAS BORBA**

**BETWEEN THE ETHICAL AND THE AESTHETIC:  
A REFLECTION ON THE CHARACTER BRÁS CUBAS, OF  
POSTHUMOUS MEMORIES BY BRÁS CUBAS,  
AND ON THE CHARACTER SOFIA, OF QUINCAS BORBA**



Dossiê

**Epistemologia do romance:  
diálogos e aproximações teóricas**

Organizadores:

Profa. Dra. Ana Paula A. Caixeta



Profa. Dra. Maria V. Barroso



Prof. Dr. Itamar R. Paulino



v. 32, n. 63, dezembro, 2023  
Brasília, DF  
ISSN 1982-9701



Fluxo da Submissão

Submetido em: 07/06/2023

Aprovado em: 11/07/2023

Distribuído sob



Nariella Alves Pereira de França

[lelaop160585@gmail.com](mailto:lelaop160585@gmail.com)

Mestranda em Literatura e Práticas Sociais nos Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília

Ana Paula Aparecida Caixeta

[caixetaanapaula@unb.br](mailto:caixetaanapaula@unb.br)

<https://orcid.org/0000-0002-4923-8744>

Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília.  
Professora adjunta na Universidade de Brasília (VIS e Pós-Lit).

Resumo/Abstract

Palavras-chave/Keywords

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a estratégia adotada pelos narradores dos livros *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) e *Quincas Borba* (2001), ambos de Machado de Assis, ao apresentarem personagens com atitudes que trazem duas faces que se contrapõem entre o ético e o estético. A reflexão, portanto, terá como foco as personagens Brás Cubas e Sofia. Para pensar essa contraposição, voltaremos a discussão para, em um primeiro momento, a face voltada para a sociedade em que viviam e os seus contemporâneos e, portanto, atitudes virtuosas e dignas de admiração; e em um segundo momento, as faces que representam atitudes que não eram tão virtuosas como aparentavam esteticamente. Para contribuir com esta reflexão, o presente artigo transitará pelos seguintes textos: *A Racionalidade Estética* (1991), de Jayme Paviani; *Verbetes da Epistemologia do Romance* (2019), Volumes I e II, referentes às discussões da teoria da Epistemologia do romance; *Textos Básicos de Ética: De Platão a Foucault* (2007), de Danilo Marcondes e *Crítica da Razão Prática* (2016), de Immanuel Kant.

Ética; Estética; Brás Cubas; Sofia; Epistemologia do romance.

This article proposes a reflection on the strategy adopted by the narrators of the Brazilian works *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2014) and *Quincas Borba* (2001), both by Machado de Assis, when they present its characters with attitudes that bring two faces that are opposed between the ethical and the aesthetic. Thus, the reflection focuses on the so-called characters Brás Cubas and Sofia. To think about it, the discussion will turn to, at first, the face of the society in which those characters lived and their contemporaries and, therefore, the virtuous attitudes worthy of admiration; at second, to the faces that represent attitudes that were not as virtuous as they appeared aesthetically. In order to contribute to this reflection, the present article will transit through the texts *The Aesthetic Rationality* (1991), by Jayme Paviani; *Verbetes da Epistemologia do Romance* (2019), volumes I and II, referring to discussions of the theory of Epistemology of the Novel; *Basic Texts of Ethics: From Plato to Foucault* (2007), by Danilo Marcondes, and *Critique of Practical Reason* (2016), by Immanuel Kant.

Ethics; Aesthetic; Brás Cubas; Sofia; Epistemology of the Novel.

## Ética e estética

Álvaro L.M. Valls (1994) define a ética como uma análise reflexiva, no âmbito da ciência, filosofia e até da teologia, a respeito dos comportamentos e das atitudes do homem. A vida também é chamada de ética em relação aos comportamentos vistos como certos. Pode-se dizer que a ética é a análise dos comportamentos e das atitudes, podendo ser a efetiva realização de um modo de conduta. Marcondes (2007) diz que a palavra ética significa “o conjunto de costumes, hábitos e valores de uma determinada sociedade ou cultura” (MARCONDES,2007, p.09).

De forma geral, a ética tem relação com aquilo que é considerado correto ou não, o que se pode ou não fazer de acordo com as normas e os costumes adotados por uma sociedade ao longo do tempo. (MARCONDES, 2007). A mentira, por exemplo, não é uma atitude ética, pois é um ato que pode prejudicar alguém e, normalmente, o sujeito mente para conseguir algum benefício particular.

A Estética, por sua vez, é definida por Baumgarten como a “ciência do conhecimento sensitivo” (BAUMGARTEN,1993, p.95). Marc Jimenez (2000) define a Estética como a “ciência do conhecimento e da representação sensíveis” (JIMENEZ, 2000, p.19). No livro *Verbetes da Epistemologia do Romance*, Ana Paula Caixeta(2019:77) aponta que para a Epistemologia do Romance, a Estética indica os primeiros movimentos rumo à análise da obra literária. A ER procura analisar, a partir de um gesto estético, aquilo que integra o objeto artístico, desde sua origem até a recepção, utilizando alguns princípios, dentre eles, o da intencionalidade na obra de arte. Esse princípio adquire forma através da estética. A esse respeito, diz Caixeta:

A Epistemologia do Romance se vale da crença da intencionalidade como um gesto estético perverso do sujeito que cria, denunciado por vestígios que se escondem

nos mais complexos movimentos de composição da arte –literária, visual, musical etc. Cujas variações e repetições não são elementos ingênuos ou de espontânea sensação, mas fazem parte de uma consciência criativa relevante que consolida aspectos representativos da forma estética escolhida para abarcar uma poética. (CAIXETA,2019, p.81).

De acordo com Caixeta (2019) isso não significa que há um rígido controle ou aplicação de um método para a criação da obra artística, pois não é possível uma reprodução automática de algo que está no âmbito da sensação; também não significa que haja uma intencionalidade em todo objeto artístico, mas que existe uma necessidade de se começar pela obra de arte e depois retornar à autoria para investigar aquilo que tem a capacidade de provocar a sensibilidade do sujeito criador, “contudo, articulado pela competência criativa, que é também da ordem do prático e do cognitivo, conforme nos fará entender Hegel(2001) ao tratar da manifestação sensível da ideia”.(CAIXETA,2019,p.82).

Para Paviani (1991) o ato da escrita e o da leitura não são atos irrefletidos. O projeto artístico de uma obra exige reflexão. Todas as emoções apresentadas no texto estão ali postas com objetivos determinados. Não há nada gratuito na obra de arte. Não há obra artística ou literária que resulte do acaso, da inspiração genuína ou entregue à sentimentos de emoção. Todos os elementos artísticos resultam de atos reflexivos, ordenados, de um trabalho estético e uso da técnica. Somente através da autorreflexão é possível transformar elementos materiais em elementos críticos e que se expressam através da arte. Referindo-se a Machado de Assis, Paviani (1991) diz que:

Temos o exemplo de Machado de Assis, entre outros autores, que com os pés firmes em sua época, refletindo a formação ideológica e de mundo em que viveu e atuou como cidadão, usando os meios narrativos e estilísticos do momento histórico, ultrapassando-os, renova-os e domina criticamente o con-

teúdo, graças à força da racionalidade que impregna sua obra literária. (PAVIANI,1991,p.15).

Machado de Assis demonstrou, através da vida dos personagens, questões relacionadas à sociedade em que ele viveu, aos sujeitos de seu tempo. Mostrou através do comportamento desses personagens uma vida de atitudes contraditórias em que nem sempre o que se diz e faz publicamente são por motivos éticos ou o que realmente se gostaria de fazer. Esse comportamento contraditório está alicerçado sob uma preocupação com a imagem que se quer mostrar a sociedade de ser um sujeito que vive de acordo com a lei moral vigente; uma preocupação, portanto, estética.

A respeito desse comportamento contraditório, preocupado com o estético em detrimento do ético, e que pode ser observado em personagens machadianos, pode-se mencionar um exemplo com o personagem Brás Cubas, em *Memórias Póstumas de Brás* (2014). A narrativa nos conta que após a morte da mãe, Brás foi passar um tempo na Tijuca, em uma casa de propriedade da família. Lá ele reencontra uma senhora, amiga de sua família: dona Eusébia. Dona Eusébia tem uma filha moça chamada Eugênia. Brás Cubas acaba tendo um breve relacionamento com Eugênia, uma moça que era coxa de nascença. Em dado momento, o pai insiste que ele volte a viver na casa da família, na cidade. Brás Cubas aceita e conta a Eugênia que irá embora. Segue-se o seguinte diálogo:

— O senhor desce amanhã? Disse-me ela no sábado.

— Pretendo.

— Não desça.

Não desci, e acrescentei um versículo ao Evangelho: — Bem-aventurados os que não descem, porque deles é o primeiro beijo das moças. (ASSIS, 2014, p.83).

A respeito do envolvimento de Brás com Eugênia, o romance mostra que Brás não tinha interesses reais na moça, visto que ele afirma que não poderia amar e nem desposar uma mulher coxa, no entanto ele alimenta as esperanças de Eugênia no intuito de conseguir um beijo dela.

Outro exemplo que pode ser citado é encontrado no romance *Quincas Borba*; a história conta que o casal Sofia e Palha tratavam o Rubião com toda atenção possível no intuito de usufruir do dinheiro herdado de *Quincas Borba*. Quando o Rubião já não tinha mais dinheiro e enlouqueceu, o Cristiano Palha sorria dos delírios do homem e a Sofia já não dava mais a atenção de antes, mostrando que nunca houve afeição sincera dos dois pelo Rubião.

#### Entre o ético e o estético: Brás Cubas e Sofia

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é um romance que conta a trajetória de vida de Brás Cubas, narrada por ele mesmo após sua morte. Durante a narrativa, observa-se que o narrador procura demonstrar, através de elementos estéticos, a real motivação por trás das atitudes tanto dele quanto de várias outras personagens. As atitudes de Brás Cubas são mostradas ao leitor como atitudes que sempre trazem algum interesse particular como fundamento motivador. Brás é mostrado ao leitor como um sujeito que deseja alcançar uma glória pública e esse desejo fundamenta boa parte do seu comportamento durante a vida. No entanto, ele não confessa e nem demonstra esse seu desejo fazendo parecer que suas atitudes eram pautadas no desejo e dever de ser um sujeito ético que faz o bem porque é um dever.

Dentro da perspectiva do amor pela glória pública como fundamento motivador de suas ações, ao falar de sua morte, Brás diz que morreu de uma pneumonia, porém a causa principal da morte teria sido “uma ideia grandiosa e útil”. (ASSIS,2014, p.35). A ideia era a criação de um emplasto anti-

hipocondríaco ,que ,segundo ele, daria um alívio a melancolia da humanidade. Diz que redigiu uma petição ao governo na qual relatou sobre o resultado cristão do medicamento e falou aos amigos sobre os benefícios pecuniários que receberia da distribuição do produto. No final, ele confessa:

Agora, porém, que estou cá do outro lado da vida, posso confessar tudo: o que me influiu principalmente foi o gosto de ver impressas nos jornais, mostradores, folhetos, esquinhas, e enfim nas caixinhas do remédio, estas três palavras: Emplasto Brás Cubas. Para que negá-lo? Eu tinha a paixão do arruído, do cartaz, do foguete de lágrimas. Talvez os modestos me arguam esse defeito; fio, porém, que esse talento me hão de reconhecer os hábeis. Assim, a minha ideia trazia duas faces, como as medalhas, uma virada para o público, outra para mim. De um lado, filantropia e lucro; de outro lado, sede de nomeada. Digamos: — amor da glória. (ASSIS,2014, p.36).

Esse amor que Brás Cubas tinha pela glória pública não só o acompanhava, como, segundo ele, foi o responsável pelo seu óbito, já que o personagem afirma que estava ocupado trabalhando na preparação do emplasto quando recebeu um “golpe de ar” (ASSIS,2014, p.43); adoeceu e não se tratou, pois estava com o emplasto na cabeça; o personagem relata:

Trazia comigo a ideia fixa dos doudos e dos fortes. Via-me, ao longe, ascender do chão das turbas, e remontar ao céu, como uma águia imortal, e não é diante de tão excelso espetáculo que um homem pode sentir a dor que o punge. No outro dia estava pior ;tratei-me enfim ,mas incompletamente ,sem método ,nem cuidado ,nem persistência ;tal foi a origem do mal que me trouxe à eternidade (ASSIS,2014,p.43).

Hegel (2001) no livro *Curso de Estética, Volume I*, apresenta o conceito de liberdade como o “conteúdo supremo que o subjetivo é capaz de abranger em si mesmo”(HEGEL,2001,p.112) e como “a determinação suprema do espírito”(HEGEL,2001,p.112).De acordo com o conceito hegeliano ,a liberdade corresponde ,a princípio, no fato de que não há nada de estranho ao homem ,nenhum impedimento ou limitação naquilo que surge diante dele, mas encontra a si próprio naquilo com o qual se depara. Nesse sentido, as adversidades e necessidades do sujeito deixam de existir e ele está em paz e feliz com o mundo já que toda oposição ou discórdância foram resolvidas. No entanto, Hegel diz que a liberdade tem como matéria a racionalidade, suas ações são baseadas na ética e os pensamentos ancorados na verdade. Porém, como a liberdade, de início, está no âmbito da subjetividade e não se executa de fato, o homem se vê diante da não liberdade e sente então a necessidade de objetivá-la; surge então o anseio de reconciliar esta oposição. (HEGEL, 2001).

Hegel segue dizendo:

Por outro lado, no próprio interior e subjetivo encontra-se uma contraposição semelhante. À liberdade pertence, por um lado, o que é em si mesmo universal e autônomo, as leis universais do direito, do bem, do verdadeiro e assim por diante; por outro lado, erguem-se os impulsos dos homens, os sentimentos, as inclinações, paixões e tudo o que o coração concreto do homem como singular contém em si mesmo. Também esta contraposição caminha para a luta, para a contradição e neste conflito nasce então toda nostalgia, a dor mais profunda, o tormento e a ausência de satisfação em geral. (HEGEL,2001, p.112).

Trazendo o conceito de liberdade hegeliano para o *romance Memórias Póstumas de Brás* e estabelecendo uma relação com Brás Cubas, é possível inferir que caso a liberdade estivesse diante de Brás sem nenhuma limitação ou impedimento, ele seria impulsionado a revelar sua verdadeira motivação por trás da maioria das

atitudes que tomou durante a vida. A paixão e inclinação de Brás Cubas era pela glória pública, pois era esse o desejo do seu coração, no entanto, a liberdade racional e ética não condiziam com um discurso tão ambicioso e que não visava o bem comum. Por essa razão, Brás justifica a criação do medicamento com um discurso que vai causar nos expectadores um efeito estético agradável, mas a motivação para a criação desse remédio não é ética, já que nela não há “pureza de propósito” (Kant, 2016, p.294).

Sobre esse comportamento de buscar uma glória pública, há no livro, um texto com o título “Ao Leitor”, em que Brás Cubas alega não se preocupar com a quantidade de leitores que seu livro terá. Ele se dirige ao leitor:

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. (ASSIS, 2014, p.31).

No entanto, mais adiante, o personagem escreve um capítulo com o título *O Bibliômano* falando que, futuramente, um sujeito magro, amarelo e com cabelos grisalhos, que não tem amor por nada além de livros, encontrará um volume das *Memórias Póstumas* por acaso. Depois de fazer uma pesquisa, descobrirá que esse é um exemplar único. E então relata:

Único! Vós, que não só amais os livros, senão que padeceis a mania deles, vós sabeis muito bem o valor desta palavra, e adivinhais, portanto, as delícias de meu bibliômano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas *Memórias*; faria a mesma coisa com o *Almanaque* de Laemmert, uma vez que fosse único. (ASSIS, 2014, p.201).

Apesar de afirmar que não está preocupado com a quantidade de leitores, o narrador eleva seu livro a um alto grau de importância ao afirmar que o bibliômano trocaria uma coroa, um título papal e os museus italianos e holandeses pelo exemplar do livro. Embora alegue que é pelo fato de ser única, a intenção não parece essa.

Ainda nesse capítulo, o bibliômano prometeu escrever “uma breve memória na qual relate o achado do livro e a descoberta da sublimidade, se a houver por baixo daquela frase obscura” (ASSIS, 1999, p.135). A frase obscura foi dita no capítulo anterior onde o narrador fala: “Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar ...Heis de cair” (ASSIS, 2014, p.200). O homem não encontra nada, mas fica feliz pela posse e em seguida vai a janela mostrar o livro ao sol.

Um exemplar único! Nesse momento passei por baixo da janela um César ou um Cromwell, a caminho do poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro devagar, com amor, aos goles... Um exemplar único! (ASSIS, 1999, p.135)

Há em todo esse capítulo, um jogo do narrador em ser modesto quanto ao reconhecimento público do seu livro e ao mesmo tempo desejar a glória para esse mesmo livro; afinal de contas, quem é César e Cromwell diante das *Memórias* de Brás Cubas? O bibliômano dá de ombros a essas duas figuras históricas para poder saborear o seu achado.

Em outro capítulo, a narrativa diz que Brás Cubas achou uma moeda de ouro. Sentiu que sua obrigação era restituir a moeda ao dono e, para tanto, mandou uma carta ao chefe da polícia para que ele providenciasse a devolução. Após essa atitude ele ficou com a consciência tranquila e fala sobre sua dama interior:

E a boa dama sacou um espelho e abriu-mo

diante dos olhos. Vi, claramente vista, a meia dobra da véspera, redonda, brilhante, multiplicando-se por si mesma, — ser dez — depois trinta — depois quinhentas, — exprimindo assim o benefício que me daria na vida e na morte o simples ato da restituição. E eu espriava todo o meu ser na contemplação daquele ato, revia-me nele, achava-me bom, talvez grande. Uma simples moeda, hem? Vejam o que é ter valsa-do um pouquinho mais. (ASSIS,2014, p.162).

Ocorre que pouco tempo depois, o mesmo personagem encontrou um embrulho na praia e o levou para casa. Havia cinco contos de réis nesse embrulho. O dinheiro foi guardado e o narrador diz que “todavia não era crime achar dinheiro, era uma felicidade, um bom acaso, era talvez um lance da Providência. Não podia ser outra coisa”. (ASSIS,2014,p.164).E então conta sua atitude posterior:

Nesse mesmo dia levei-os ao Banco do Brasil. Lá me receberam com muitas e delicadas alusões ao caso da meia dobra, cuja notícia andava já espalhada entre as pessoas do meu conhecimento; respondi enfadado que a coisa não valia a pena de tamanho estrondo; louvaram-me então a modéstia, — e porque eu me encolerizasse, replicaram-me que era simplesmente grande. (ASSIS,2014, p.165).

Observe que o sujeito tem duas atitudes distintas diante de uma mesma situação. Na primeira situação ele procura devolver a moeda de ouro que não lhe pertence, o fato se torna conhecido de todos e Brás é louvado por sua atitude ética. Sua conduta é grande e digna de uma glória pública, causando nos espectadores um efeito estético de admiração por um sujeito honesto; no entanto, os cinco contos de réis não têm sequer uma tentativa de devolução ao dono, portanto aqui não houve ética por parte do mesmo sujeito e de caso semelhante.

A respeito da ética, Marcondes (2007) diz que:

A atitude ética autêntica não deve admitir dicotomia, já que não faria sentido um comportamento ético restrito apenas a um plano interno e um comportamento oposto no plano externo. Neste caso, na verdade, o indivíduo não estaria agindo eticamente, faltaria coerência na adoção dos princípios. (MARCONDES,2007,p.13).

Além de não devolver o dinheiro, Brás Cubas diz para si mesmo que usará esses cinco contos em alguma boa ação: um dote para alguma garota sem recursos ou outra coisa nesse sentido. No entanto, o destino final dos cinco contos foi um pecúlio para Dona Plácida, mulher que acobertava seus amores com Virgília, uma mulher casada. A narrativa diz que, em princípio, Dona Plácida sofria por acobertar esse caso extraconjugal e até tinha nojo de si mesma. No entanto, a situação muda após o pecúlio. Sobre isso diz:

Não fui ingrato; fiz-lhe um pecúlio de cinco contos, — os cinco contos achados em Botafogo, — como um pão para a velhice. D. Plácida agradeceu-me com lágrimas nos olhos, e nunca mais deixou de rezar por mim, todas as noites, diante de uma imagem da Virgem, que tinha no quarto. Foi assim que lhe acabou o nojo. (ASSIS,2014,p.199).

Por fim, Brás supõe ter feito uma boa ação usando o dinheiro que não era dele para conquistar a estima de uma senhora que alcovitava seu romance proibido com uma mulher casada.

Outro recurso estético utilizado pelo narrador de *Memórias Póstumas* é a intertextualidade bíblica. A intertextualidade bíblica estabelecida na obra não é ingênua, mas carrega uma carga de sentido que corrobora com a construção do personagem Brás e alimenta essa ideia de grandeza e virtude que ele tenta construir para si. É interessante notar que os personagens bíblicos citados por Brás Cubas na obra

são personagens que trazem consigo a ideia de virtude e também de grandeza segundo a narrativa bíblica. Exemplo disso são as alusões e referências á personagens bíblicos como Abraão, Jó, Ezequias, Paulo e também a Jesus Cristo que é a figura central do cristianismo. Essas citações, na maioria dos casos, colocam Brás Cubas em condição de igualdade com os personagens bíblicos e essa construção parece ter sido elaborada de forma intencional pelo escritor para enfatizar a ideia de grandeza e virtude que Brás fazia de si mesmo. Um exemplo da intertextualidade bíblica na obra está no capítulo 01, quando o narrador relata que ficou indeciso em começar a narrativa contando sobre seu nascimento ou sobre sua morte. Alega que o costume comum é começar pelo nascimento e que adotará uma forma diferente por duas razões:

A primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco. (ASSIS,2014,p.33).

Brás Cubas compara seu livro ao Pentateuco, livros da Bíblia escritos por Moisés segundo a tradição judaico-cristã. Sendo que, para ele, *Memórias Póstumas* era mais “galante e mais novo” “que os livros mosaicos. Ocorre que Moisés é uma das figuras mais importantes da tradição. O texto bíblico ao relatar a morte de Moisés diz que:

E nunca mais se levantou em Israel profeta algum como Moisés, a quem o Senhor conhecera face a face; nem semelhante em todos os sinais e maravilhas, que o Senhor o enviou para fazer na terra do Egito, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra. E em toda a mão forte, e em todo o grande espanto, que praticou Moisés aos olhos de todo o Israel. (ALMEIDA,1995,p.342).

O personagem julga que a narrativa de sua vida e seus feitos é tão importante quanto a narrativa de um homem, que segundo o texto bíblico, libertou um povo da escravidão em que viviam no Egito. Deduz-se daí o amor da glória que continua latente mesmo no pós-morte, mas que só agora é possível confessar sob a proteção de um narrador-defunto.

Dentro dessa análise do jogo entre o ético e estético mostrado na narrativa de vida de personagens machadianos, pode-se também trazer uma reflexão sobre a personagem Sofia, do romance *Quincas Borba* (2001). O romance conta a história de vida do Rubião, um professor que herda a fortuna do filósofo Quincas Borba. Em uma viagem, Rubião conhece Cristiano Palha e sua esposa Sofia. Rubião então se encanta pela esposa de Cristiano. Embora Sofia não tenha nenhum relacionamento com Rubião, a narrativa leva a crer que ela alimenta o sentimento dele a fim de ajudar o marido nos planos de colocar a mão no dinheiro do Rubião.

Sofia é apresentada ao leitor como uma mulher muito bonita que chama a atenção por onde passa devido a essa beleza. Ao longo da história, o narrador vai construindo a postura da Sofia diante do assunto da fidelidade conjugal. Primeiro é relatado que o jovem Carlos Maria faz uma declaração de amor a Sofia e essa declaração custou a ela muitas horas de insônia e de esperança, mas ele não a procurou mais e:

Nunca Sofia compreendia o malogro daquela aventura. O homem parecia querer-lhe deveras, e ninguém o obrigava a declará-lo tão atrevidamente, nem a passar-lhe pelas janelas, alta noite, segundo lhe ouviu. Recordou ainda outros encontros, palavras furtadas, olhos cálidos e compridos, e não chegava a entender que toda essa paixão acabasse em nada. (ASSIS,2001,p.123).

Por fim, Carlos Maria se casa com Maria Benedita, uma prima de Sofia e a infidelidade conjugal não é concretizada.

Em outra ocasião, Rubião vai à casa de Sofia e ela está se arrumando para sair. Quando a carruagem chega para buscá-la, ela então entra e o Rubião entra atrás, sentando-se ao lado dela. O carro parte e ela fica agoniada com a presença do Rubião ao seu lado; pensa em mandar o cocheiro parar, “mas o receio de um possível escândalo fê-la deter-se a meio caminho”. (ASSIS,2001,p.168).A mulher então começa a implorar para que o Rubião desça do carro para que ninguém os veja juntos. Ele não desce e, nesse momento, tem mais um de seus delírios em que imagina ser um imperador; começa então a falar com Sofia como se ambos realmente tivessem um caso; ela fica preocupada e acredita que o Rubião quer fazer com que o cocheiro acredite que os dois são amantes; depois pensa que vai contar tudo ao marido para provar melhor sua inocência. Depois de muito a Sofia pedir, o Rubião resolve descer do carro:

Rubião ergueu as cortinas e o lacaio veio abrir a portinhola. Sofia, para tirar toda a suspeita a este, pediu novamente ao Rubião que fosse com ela à casa do marido; disse-lhe que este precisava falar-lhe com urgência. Rubião olhou um pouco espantado para ela ,para o lacaio e para a rua e respondeu que não ,que iria depois. (ASSIS,2001,p.174).

O narrador conta que após esse episódio houve um contraste no comportamento dos dois personagens. O Rubião voltou a si do delírio e conversava com os conhecidos na rua, enquanto a Sofia:

Ao contrário, Sofia, passado o susto e o espanto, mergulhou no devaneio; todas as referências e histórias mentirosas de Rubião como que lhe davam saudades, \_\_\_saudades de quê? “saudades do Céu”, que é o que dizia o Padre Bernardes do sentimento de um bom cristão. Nomes diversos relampejavam no azul daquela possibilidade. Quanto pormenor interessante! Sofia reconstruiu a caleça velha, onde entrou rápida, donde desceu trêmula, para

esgueirar-se pelo corredor dentro, subir a escada, e achar um homem, que lhe disse os mimos mais apetitosos deste mundo, e os repetiu agora, ao pé dela, no carro; mas não era, não podia ser o Rubião. Quem seria? Nomes diversos relampejavam no azul daquela possibilidade. (ASSIS,2001,p.174).

O episódio citado apresenta uma Sofia extremamente preocupada com o que o cocheiro iria pensar a seu respeito, as pessoas na rua, o Cristiano. Uma preocupação com a imagem que as pessoas terão sobre ela, a sensação que terão diante dela, uma preocupação, portanto, estética. Observe que ,ao descer do carro ,ela rememora e saboreia os galanteios do Rubião e ,em nenhum momento ,pensou a respeito do fato de ser casada com o Palha ou que o Rubião foi desrespeitoso. Não há preocupação ética por parte da personagem, pois conforme a ética kantiana “a lei moral é o único fundamento de determinação da vontade pura” (KANT,2016, p.157) e as ações dos homens devem ser praticadas por dever a lei moral e não ter qualquer outro sentimento como fundamento. No caso da Sofia, o narrador nos faz pensar que ela só não cometeu adultério por medo do que as pessoas iriam pensar. E o que as pessoas pensavam da Sofia ?O romance nos diz que Sofia inaugurou um palacete em Botafogo com um grande baile. Ela estava deslumbrante e usando muitas joias. “Toda a gente admirava a gentileza daquela trintona fresca e robusta; alguns homens falavam (com pena) das suas virtudes conjugais, da profunda admiração que ela tinha ao marido”. (ASSIS,2001, p.209). Essa é a imagem construída pela Sofia diante da sociedade ;esse é um jogo entre questões éticas e estéticas, estabelecido por Machado de Assis na construção das duas personagens aqui analisadas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro *Crítica da Razão Prática* (2016) Kant afirma que “a lei moral é o único fundamento determinante da vontade pura”. (KANT, 2016, p.157). O respeito a essa lei mo-



ral é que deve ser a força motriz que conduzirá a nossa vontade e guiará nossas ações.

Para Kant, “A virtude (enquanto dignidade de ser feliz) é a condição suprema de tudo o que possa nos parecer aspirável e, portanto, também de toda nossa procura por felicidade e, portanto, a virtude é o bem supremo”. (KANT,2016,p.159). Se a razão da virtude é a lei moral, as nossas ações virtuosas não devem ser feitas com o objetivo de alcançar algum prazer particular, mas porque é o nosso dever praticá-las. Qualquer sentimento de satisfação particular seria apenas o resultado. O narrador de *Memórias Póstumas* está sempre ironizando as boas intenções nas atitudes de Brás Cubas, mostrando algum interesse próprio por trás da atitude praticada. Sendo assim, essas atitudes não seriam virtuosas, conforme a definição de virtude kantiana. Observa-se que o discurso travado pelo personagem dentro da obra, no âmbito de convivência social não é o mesmo discurso apresentado ao leitor sob a proteção do narrador defunto. Brás diz, em certo momento, que: “o vício é muitas vezes o estreme da virtude. O que não impede que a virtude seja uma flor cheirosa e sã”. (ASSIS,2014, p.209). É possível observar pelo discurso narrativo que o amor da glória é o real motivo nas atitudes aparentemente virtuosas dele.

No caso da Sofia, vê-se uma mulher sonhando em viver uma aventura amorosa extra-conjugal, porém não chega a concretizá-la. Sua atitude de fidelidade não é por obediência a uma lei moral que trata da fidelidade conjugal, mas por medo da imagem que as pessoas terão sobre ela.

Tanto Sofia quanto Brás Cubas vivem uma dicotomia em relação à motivação por trás dos seus atos e a imagem que se quer construir para o outro. Kant (2016) diz que se há algum outro sentimento que fundamenta nossas ações, além do respeito à lei moral, “esse sentimento seria sempre estético e patológico”. (KANT,2016,p.168). Nos dois personagens aqui analisados, vemos essa preocupação com o estético em detrimento do ético.

## Referências

- ÁLVARO, L.M.V., *O que é Ética*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2016.
- ASSIS, M. de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.
- BÍBLIA. Deuteronomio. Português. *A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.p.342.
- CAIXETA, A.P.A., BARROSO, M. V. e BARROSO, W. *Verbetes da Epistemologia do Romance – Volume 1*. Brasília: Verbena Editora, 2019.
- KANT, I. *Crítica da Razão Prática*. Tradução Monique Hulshof. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.
- MARCONDES, Danilo. *Textos Básicos de Ética: De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.
- PAVIANI, Jayme. *A Racionalidade Estética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991.

## COMO CITAR

FRANÇA, N. A. P. de; CAIXETA, A. P. A. Entre o ético e o estético: uma reflexão sobre o personagem Brás Cubas, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e a personagem Sofia, de *Quincas Borba*. *Revista Cerrados*, 32(63), pp. 27-35. 2023. <https://doi.org/10.26512/cerrados.v32i63.48969>